

TRADUZIR UM CONTO DE POE

José Manuel Lopes

Professor da Área de Línguas e Culturas da Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias

Se qualquer tradução literária revela sempre, implicitamente, uma interpretação por parte do tradutor – algo discutido e vincado pelos teorizadores actuais da tradução, especialmente pelos que se inclinam mais para uma aproximação hermenêutica e/ou fenomenológica, como Willis Barnstone – então, todo e qualquer texto é sempre passível de uma nova tradução. No nosso caso específico, no entanto, uma nova tradução de «The Fall of the House of Usher» de Edgar Allan Poe (um conto publicado pela primeira vez em Setembro de 1839, em *Burton's Gentleman's Magazine*, e traduzido por Charles Beaudelaire, por volta de 1856, sob o título «La Chute de la maison Usher») é tanto mais justificável quanto uma grande parte das traduções portuguesas não foram feitas a partir do texto original de Poe, mas sim a partir do francês, baseando-se, para o efeito, na famosa e muito discutida tradução de Beaudelaire, hoje em dia considerada como um caso clássico de tradução bem conseguida.

O conto, como será do conhecimento geral, insere-se na tradição romântica do gótico anglo-saxónico e, segundo críticos como Stuart e Susan Levine, a partir de cuja edição anotada se transcreve aqui o original inglês da presente edição bilingue¹, faz parte de uma série de contos de Poe cujo referente literário se centra na «morte de uma mulher muito bela», tais como «Berenice» (1835), «Morella» (1839), «Ligeia» (1838), «Eleonora» (1841) e «The Oval Portrait» (1842).

No que respeita à minha motivação pessoal, ao facto de me ter atraído traduzir, em particular, este conto de Poe, terei que considerar vários factores que passam pelo que eu designaria, adaptando o tema de um dos livros de Roland Barthes, como «o prazer da tradução».

Atraíu-me, em primeiro lugar, a complexidade e a riqueza desse texto de partida com todo o seu jogo de ecos e de espelhos, com todas as suas multiplicáveis *mises en abyme* que, inevitavelmente, iriam invadir e extravasar de qualquer tentativa de tradução/transposição para uma língua como o português. Um idioma em que o tom da voz narrativa primeira, com todo o seu leque vocabular sobre o tétrico, o inefável e um quase indescritível psicológico, não encontram uma igual ou paralela tradição literária. Atraíu-me também, no que a este texto se prende, essa «fissura, quase imperceptível» (*a barely perceptible fissure*) que a voz narrativa observa nessa casa cujo referente literário é também o referente de um desejo, divisão ou corte impossível a meio do oxímoro em que realidade e sonho, voz e escrita, ser e parecer, construção e desconstrução – ou, mais propriamente, ruína e desmoronamento – parecem organizar todo o texto.

Mas, em que medida poderão todas estas considerações, algumas de ordem pessoal, informar ou informarem-nos sobre uma tradução, sobretudo quando esta ambiciona dar eco e especular (funcionar como um espelho, com base nesse mesmo oxímoro, que parece constituir o

¹ LEVINE, Stuart e Susan (orgs.), *The Short Fiction of Edgar Allan Poe: An Annotated Edition*, Indianapolis, Bobbs-Merill Education Publishing, 1976.

eixo generativo do texto de partida), acerca das duas tendências que qualquer tradutor experiente sabe serem inconciliáveis? Não será precisamente esse oxímoro (essa velha figura de estilo em que dois contrários se fundem, em que as antíteses se abolem, a que forma o motor central de qualquer discurso apaixonado) a grande figura utópica por detrás dos discursos teóricos de Walter Benjamin e de Antoine Berman sobre a tradução? Como manter a «letra» e o «sentido» sem que um se perca em benefício do outro? Como equilibrar esses fluidos numa mecânica de vasos comunicantes, ou seja, de que modo nos poderemos ater a um máximo de «fidelidade» ao significante, sem que o significado se comece a esgarçar pelas vias complicadas de uma «terceira língua» ou de uma tradução de tal modo literal, ou tão exaustivamente anotada, que já não possa ser lida na ausência de um texto de partida que teime em querer-se onnipresente e reverberante? Por outras palavras e para simplificar todas estas questões, como apresentar uma nova tradução em português em que o inglês de Poe (tão estilizada-mente literário e tão colonial) pudesse encontrar o espelho vivo da sua impossibilidade e, simultaneamente, um texto novo que dele pudesse dar conta?

Estamos, neste caso, perante vastíssimas unidades de tradução, perante enormes frases que não se prestam a cortes em que o sentido se organize sequencialmente, perante longos parágrafos em que o tradutor para português vai «transpondo», através de um longo trabalho semelhante a um *puzzle*, uma estranha aventura de (re)escrita. Tentando ser tanto quanto possível fiel ao texto de partida, decidi manter certos efeitos de pontuação — a presença constante, por exemplo, dos travessões de Poe — em que julgo ecoar-se, horizontalmente, a «fissura» vertical em que poderemos ler a verdadeira matriz do oxímoro. De outras coisas, porém, tive que prescindir enquanto tradutor. Tal como do contraste, bem marcado em inglês, entre as várias texturas que formam o conto. Em primeiro lugar, do contraste que se estabelece entre a narrativa propriamente dita e o poema que Roderick Usher irá improvisar ao som do alaúde. Neste caso tentei manter o tom romântico de um texto que julgamos inspirado por certas baladas orais e tradicionais, não me furtando mesmo à inclusão de certas rimas. Outro aspecto prende-se ao tom arcaizante do texto inventado (o *Mad Trist* de Sir Launcelot Canning) que o narrador irá ler a Roderick, algo quase impossível de ser captado em português senão através do uso de um vocabulário específico.

O produto final, porém, a tradução propriamente dita, ao contrário do texto de partida que permanecerá imutável e que apenas se transforma através das suas múltiplas e possíveis leituras, nunca tem nem terá um carácter definitivo. Uma tradução é algo que apenas se encontra momentaneamente acabado, um pouco como um texto durante o seu processo de criação. É sempre possível revê-la, corrigi-la, transformá-la e, em muitos casos, fazer uma tradução inteiramente nova ao fim de alguns anos.

Foi consciente de todos estes factos que procedi à tradução que aqui se apresenta, dando-me conta da efemeridade do meu esforço, mas tendo saboreado também o prazer resultante desse desafio, sobretudo quando de trata de um texto que continua a estar vivo, porque lido e comentado através das épocas.

NOTA BIOGRÁFICA

Edgar Allan Poe nasceu em Bóston em 1809, filho de uma actriz inglesa de nome Elizabeth Arnorl'd Poe e de David Poe Jr., um actor de Baltimore. Depois da mãe ter morrido quando o escritor tinha apenas dois anos, Poe passou a viver com o padrinho, John Allan, e com a mulher deste. Entre 1815 e 1820, Poe viveu em Inglaterra e na Escócia onde inicia os seus estudos que vem a completar em Richmond, Virgínia. Em 1827 o escritor encontra-se a viver em Bóston onde publica a sua primeira colectânea de poemas românticos, *Tamerlane, and Other Poems*, mais tarde incorporados num outro volume publicado em Baltimore, *Al Aaraaf, Tamerlane, and Minor Poems* (1827). Foi nesta cidade que ele começou a escrever contos e a publicá-los em revistas literárias, tendo um deles, «Manuscript Found in a Bottle» (1833), ganho um prémio de cinquenta dólares oferecido por um jornal semanal local. Em 1835, Poe muda-se mais uma vez para Richmond onde se tornará editor do *Southern Literary Messenger* e onde virá a desenvolver as suas qualidades de crítico literário. É nesta cidade que se casa com uma prima sua, Virginia Clemm, de treze anos de idade, e que, tal como a sua mãe, virá a morrer muito cedo. Despedido do seu emprego em Richmond, segundo se pensa devido a abusos alcoólicos, o escritor muda-se para Nova Iorque. Foi nesta cidade que publicou a sua novela *The Narrative of Arthur Gordon Pym*, em 1838. No ano seguinte, torna-se co-editor da *Burton's Gentleman's Magazine*, em Filadélfia, onde virá a publicar contos como «William Wilson» e «The Fall of the House of Usher», sendo ambas estas obras narrativas em que o terror e o sobrenatural se misturam para criar o que mais tarde se designará de «Literatura Gótica», um género literário que conhecerá o seu auge, nos finais do século XIX, durante a época vitoriana. Nesse mesmo ano, em 1839, Poe publica a sua primeira história policial, *The Murders in the Rue Morgue*, que, juntamente com contos como «The Purloined Letter» e «The Mystery of Marie Rogêt», é considerada, por um grande número de críticos, como precursora do romance policial. Em 1845, de volta a Nova Iorque, publica o que se virá a tornar talvez o seu mais famoso poema *The Raven*. Este vem mais tarde a ser traduzido por Fernando Pessoa numa versão em que o poeta português consegue manter o ritmo e a rima do texto original. Poe morre em 1849, após ter publicado um grande número de poemas e de contos. Porém, a sua obra, onde se verifica um gosto pelo mórbido, pelo gótico e pelo texto de dimensões alegóricas, é praticamente desconhecida. Foi graças ao escritor

Stéphane Mallarmé e ao poeta Charles Baudelaire, que traduziu para francês grande parte dos seus contos, que Poe começa a ganhar uma grande voga, especialmente entre os poetas simbolistas europeus. Hoje em dia, é reconhecido como um dos maiores escritores da língua inglesa e a sua obra não pára de ser elogiada e analisada, inclusivamente por psicanalistas famosos como Freud e Jacques Lacan.

THE FALL OF THE HOUSE OF USHER

*Son cœur est un luth suspendu;
Sitôt qu'on le touche il résonne.
De Béranger.*

During the whole of a dull, dark, and soundless day in the autumn of the year, when the clouds hung oppressively low in the heavens, I had been passing alone, on horseback, through a singularly dreary tract of country, and at length found myself, as the shades of the evening drew on, within view of the melancholy House of Usher. I know not how it was – but, with first glimpse of the building, a sense of insufferable gloom pervaded my spirit. I say insufferable; for the feeling was unrelieved by any of that half-pleasurable, because poetic, sentiment, with which the mind usually receives even the sternest natural images of the desolate or terrible. I looked upon the scene before me – upon the mere house, and the simple landscape features of the domain – upon the bleak walls – upon the vacant eye-like windows – upon a few rank sedges – and upon a few white trunks of decayed trees – with an utter depression of soul which I can compare to no earthly sensation more properly than to the after-dream of the reveller upon opium – the bitter lapse into everyday life – the hideous dropping off of the veil. There was an iciness, a sinking, a sickening of the heart – an unredeemed dreariness of thought which no goading of the imagination could torture into aught of the sublime. What was it – I paused to think – what was it that so unnerved me in the contemplation of the House of Usher? It was a mystery all insoluble; nor could I grapple with the shadowy fancies that crowded upon me as I pondered. I was forced to fall back upon the unsatisfactory conclusion, that while, beyond doubt, there *are* combinations of very simple natural objects which have the power of thus affecting us, still the analysis of this power lies among considerations beyond our depth. It was possible, I reflected, that a mere different arrangement of the particulars of the scene, of the details of the picture, would be sufficient to modify, or perhaps to annihilate its capacity for sorrowful impression; and, acting upon this idea, I reined my horse to the precipitous brink of a black and lurid tarn that lay in unruffled lustre by the dwelling, and gazed down – but with a shudder even more thrilling than before – upon the remodelled and inverted images of the gray sedge, and the ghastly tree-stems, and the vacant and eye-like windows.

Nevertheless, in this mansion of gloom I now proposed to myself a sojourn of some weeks. Its proprietor, Roderick Usher, had been one of my boon companions in boyhood; but many years had elapsed since our last meeting. A letter, however, had lately reached me in a distant part of the country – a letter from him – which, in its wildly importunate nature, had admitted of no other than personal reply. The MS. gave evidence of nervous agitation. The writer spoke of acute bodily illness – of a mental disorder which oppressed him – and of an earnest desire to see me, as his best and indeed his only personal friend, with a view of attempting, by the cheerfulness of my society, some alleviation of his malady. It was the manner in which all this, and much more, was said – it was the apparent *heart* that went with his request – which allowed me no room for hesitation; and I accordingly obeyed forthwith what I still considered a very singular summons.

Although, as boys, we had been even intimate associates, yet I really knew little of my friend. His reserve had been always excessive and habitual. I was aware, however, that his very ancient family had been noted, time out of mind, for a peculiar sensibility of temperament, displaying itself, through long ages, in many works of exalted art, and manifested, of late, in repeated deeds of munificent yet unobtrusive charity, as well as in a passionate devotion to the intricacies, perhaps even more than to the orthodox and easily recognizable beauties, of musical science. I had learned, too, the very remarkable fact, that the stem of the Usher race, all time-honoured as it was, had put forth, at no period, any enduring branch; in other words, that the entire family lay in the direct line of descent, and had always, with very trifling and very temporary variation, so lain. It was this deficiency, I considered, while running over in thought the perfect keeping of the character of the premises with the accredited character of the people, and while speculating upon the possible influence which the one, in the long lapse of centuries, might have exercised upon the other – it was this deficiency, perhaps, of collateral issue, and the consequent undeviating transmission, from sire to son, of the patrimony with the name, which had, at length, so identified the two as to merge the original title of the estate in the quaint and equivocal appellation of the «House of Usher» – an appellation which seemed to include, in the minds of the peasantry who used it, both the family and the family mansion.

I have said that the sole effect of my somewhat childish experiment – that of looking down within the tarn – had been to deepen the first singular impression. There can be no doubt that the consciousness of the rapid increase of my superstition – for why should I not so term it? – served mainly to accelerate the increase itself. Such, I have long known, is the paradoxical law of all sentiments having terror as a basis. And it might have been for this reason only, that, when I again uplifted my eyes to the house itself, from its image in the pool, there grew in my mind a strange fancy – a fancy so ridiculous, indeed, that I but mention it to show the vivid force of the sensations which oppressed me. I had so

worked upon my imagination as really to believe that about the whole mansion and domain there hung an atmosphere peculiar to themselves and their immediate vicinity – an atmosphere which had no affinity with the air of heaven, but which had reeked up from the decayed trees, and the gray wall, and the silent tarn – a pestilent and mystic vapour, dull, sluggish, faintly discernible, and leaden-hued.

Shaking off from my spirit what *must* have been a dream, I scanned more narrowly the real aspect of the building. Its principal feature seemed to be that of an excessive antiquity. The discoloration of ages had been great. Minute fungi overspread the whole exterior, hanging in a fine tangled web-work from the eaves. Yet all this was apart from any extraordinary dilapidation. No portion of the masonry had fallen; and there appeared to be a wild inconsistency between its still perfect adaptation of parts, and the crumbling condition of the individual stones. In this there was much that reminded me of the specious totality of the old wood-work which has rotted for long years in some neglected vault, with no disturbance from the breath of the external air. Beyond this indication of extensive decay, however, the fabric gave little token of instability. Perhaps the eye of a scrutinizing observer might have discovered a barely perceptible fissure, which, extending from the roof of the building in front, made its way down the wall in a zigzag direction, until it became lost in the sullen waters of the tarn.

Noticing these things, I rode over a short causeway to the house. A servant in waiting took my horse, and I entered the Gothic archway of the hall. A valet, of stealthy step, thence conducted me, in silence, through many dark and intricate passages in my progress to the *studio* of his master. Much that I encountered on the way contributed, I know not how, to heighten the vague sentiments of which I have already spoken. While the objects around me – while the carvings of the ceilings, the sombre tapestries of the walls, the ebon blackness of the floors, and the phantasmagoric armorial trophies which rattled as I strode, were but matters to which, or to such as which, I had been accustomed from my infancy – while I hesitated not to acknowledge how familiar was all this – I still wondered to find how unfamiliar were the fancies which ordinary images were stirring up. On one of the staircases, I met the physician of the family. His countenance, I thought, wore a mingled expression of low cunning and perplexity. He accosted me with trepidation and passed on. The valet now threw open a door and ushered me into the presence of his master.

The room in which I found myself was very large and lofty. The windows were long, narrow, and pointed, and so vast a distance from the black oaken floor as to be altogether inaccessible from within. Feeble gleams of encrimsoned light made their way through the trellised panes, and served to render sufficiently distinct the more prominent objects around; the eye, however, struggled in vain to reach the remoter angles of the chamber, or the recesses of the vaulted and fretted ceiling. Dark draperies hung upon the walls. The general furniture was profuse, com-

fortless, antique, and tattered. Many books and musical instruments lay scattered about, but failed to give any vitality to the scene. I felt that I breathed an atmosphere of sorrow. An air of stern, deep, and irredeemable gloom hung over and pervaded all.

Upon my entrance, Usher arose from a sofa on which he had been lying at full length, and greeted me with a vivacious warmth which had much in it, I at first thought, of an overdone cordiality – of the constrained effort of the *ennuyé* man of the world. A glance, however, at his countenance convinced me of his perfect sincerity. We sat down; and for some moments, while he spoke not, I gazed upon him with a feeling half of pity, half of awe. Surely, man had never before so terribly altered, in so brief a period, as had Roderick Usher! It was with difficulty that I could bring myself to admit the identity of the wan being before me with the companion of my early boyhood. Yet the character of his face had been at all times remarkable. A cadaverousness of complexion; an eye large, liquid, and luminous beyond comparison; lips somewhat thin and very pallid, but of a surpassingly beautiful curve; a nose of a delicate Hebrew model, but with a breadth of nostril unusual in similar formations; a finely moulded chin, speaking, in its want of prominence, of a want of moral energy; hair of a more than web-like softness and tenuity; these features, with an inordinate expansion above the regions of the temple, made up altogether a countenance not easily to be forgotten. And now in the mere exaggeration of the prevailing character of these features, and of the expression they were wont to convey, lay so much of change that I doubted to whom I spoke. The now ghastly pallor of the skin, and the now miraculous lustre of the eye, above all things startled and even awed me. The silken hair, too, had been suffered to grow all unheeded, and as, in its wild gossamer texture, it floated rather than fell about the face, I could not, even with effort, connect its Arabesque expression with any idea of simple humanity.

In the manner of my friend I was at once struck with an incoherence – an inconsistency; and I soon found this to arise from a series of feeble and futile struggles to overcome an habitual trepidancy – an excessive nervous agitation. For something of this nature I had indeed been prepared, no less by his letter, than by reminiscences of certain boyish traits, and by conclusions deduced from his peculiar physical confirmation and temperament. His action was alternately vivacious and sullen. His voice varied rapidly from a tremulous indecision (when the animal spirits seemed utterly in abeyance) to that species of energetic concision – that abrupt, weighty, unhurried, and hollow-sounding enunciation – that leaden, self-balanced, and perfectly modulated guttural utterance, which may be observed in the lost drunkard, or the irreclaimable eater of opium, during the periods of his most intense excitement.

It was thus that he spoke of the object of my visit, of his earnest desire to see me, and of the solace he expected me to afford him. He entered, at some length, into what he conceived to be the nature of his malady. It was, he said, a constitutional and a family evil, and one for

which he despaired to find a remedy – a mere nervous affection, he immediately added, which would undoubtedly soon pass off. It displayed itself in a host of unnatural sensations. Some of these, as he detailed them, interested and bewildered me; although, perhaps, the terms and the general manner of their narration had their weight. He suffered much from a morbid acuteness of the senses; the most insipid food was alone endurable; he could wear only garments of certain texture; the odours of all flowers were oppressive; his eyes were tortured by even a faint light; and there were but peculiar sounds, and these from stringed instruments, which did not inspire him with horror.

To an anomalous species of terror I found him a bounden slave. «I shall perish,» said he, «I *must* perish in this deplorable folly. Thus, thus and not otherwise, shall I be lost. I dread the events of the future, not in themselves, but in their results. I shudder at the thought of any, even the most trivial, incident, which may operate upon this intolerable agitation of soul. I have, indeed, no abhorrence of danger, except in its absolute effect – in terror. In this unnerved, in this pitiable, condition I feel that the period will sooner or later arrive when I must abandon life and reason together, in some struggle with the grim phantasm, FEAR.»

I learned, moreover, at intervals, and through broken and equivocal hints, another singular feature of his mental condition. He was enchained by certain superstitious impressions in regard to the dwelling which he tenanted, and whence, for many years, he had never ventured forth – in regard to an influence whose supposititious force was conveyed in terms too shadowy here to be re-stated – an influence which some peculiarities in the mere form and substance of his family mansion had, by dint of long sufferance, he said, obtained over his spirit – an effect which the *physique* of the gray wall and turrets, and of the dim tarn into which they all looked down, had, at length, brought about upon the morale of his existence.

He admitted, however, although with hesitation, that much of the peculiar gloom which thus afflicted him could be traced to a more natural and far more palpable origin – to the severe and long-continued illness – indeed to the evidently approaching dissolution – of a tenderly beloved sister, his sole companion for long years, his last and only relative on earth. «Her decease,» he said, with a bitterness which I can never forget, «would leave him (him, the hopeless and the frail) the last of the ancient race of the Ushers.» While he spoke, the lady Madeline (for so was she called) passed slowly through a remote portion of the apartment, and, without having noticed my presence, disappeared. I regarded her with an utter astonishment not unmingled with dread; and yet I found it impossible to account for such feelings. A sensation of stupor oppressed me as my eyes followed her retreating steps. When a door, at length, closed upon her, my glance sought instinctively and eagerly the countenance of the brother – but he had buried his face in his hands, and I could only perceive that a far more than ordinary wanness had overspread the emaciated fingers through which trickled many passionate tears.

The disease of the lady Madeline had long baffled the skill of her physicians. A settled apathy, a gradual wasting away of the person, and frequent although transient affections of a partially cataleptical character were the unusual diagnosis. Hitherto she had steadily borne up against the pressure of her malady, and had not betaken herself finally to bed; but on the closing in of the evening of my arrival at the house, she succumbed (as her brother told me at night with inexpressible agitation) to the prostrating power of the destroyer; and I learned that the glimpse I had obtained of her person would thus probably be the last I should obtain – that the lady, at least while living, would be seen by me no more.

For several days ensuing, her name was unmentioned by either Usher or myself: and during this period I was busied in earnest endeavours to alleviate the melancholy of my friend. We painted and read together, or I listened, as if in a dream, to the wild improvisations of his speaking guitar. And thus, as a closer and still closer intimacy admitted me more and reservedly into the recesses of his spirit, the more bitterly did I perceive the futility of all attempt at cheering a mind from which darkness, as if an inherent positive quality, poured forth upon all objects of the moral and physical universe in one unceasing radiation of gloom.

I shall ever bear about me a memory of the many solemn hours I thus spent alone with the master of the House of Usher. Yet I should fail in any attempt to convey an idea of the exact character of the studies, or of the occupations, in which he involved me, or led me the way. An excited and highly distempered ideality threw a sulphureous lustre over all. His long improvised dirges will ring forever in my ears. Among other things, I hold painfully in mind a certain singular perversion and amplification of the wild air of the last waltz of Von Weber. From the paintings over which his elaborate fancy brooded, and which grew, touch by touch, into vagueness at which I shuddered the more thrillingly, because I shuddered knowing not why: – from these paintings (vivid as their images now are before me) I would in vain endeavour to educe more than a small portion which should lie within the compass of merely written words. By the utter simplicity, by the nakedness of his designs, he arrested and overawed attention. If ever mortal painted an idea, that mortal was Roderick Usher. For me at least – in the circumstances then surrounding me – there arose out of the pure abstractions which the hypochondriac contrived to throw upon his canvas, an intensity of intolerable awe, no shadow of which I felt ever yet in the contemplation of the certainly glowing yet too concrete reveries of Fuseli.

One of the phantasmagoric conceptions of my friend, partaking not so rigidly of the spirit of abstraction, may be shadowed forth, although feebly, in words. A small picture presented the interior of an immensely long and rectangular vault or tunnel, with low walls, smooth, white, and without interruption or device. Certain accessory points of the design served well to convey the idea that this excavation lay at an exceeding depth below the surface of the earth. No outlet was observed in any por-

Traduzir um conto de Poe

tion of its vast extent, and no torch or other artificial source of light was discernible; yet a flood of intense rays rolled throughout, and bathed the whole in a ghastly and inappropriate splendour.

I have just spoken of that morbid condition of the auditory nerve which rendered all music intolerable to the sufferer, with the exception of certain effects of stringed instruments. It was, perhaps, the narrow limits to which he thus confined himself upon the guitar which gave birth, in great measure, to the fantastic character of his performances. But the fervid *facility* of his *impromptus* could not be so accounted for. They must have been, and were, in the notes, as well as in the words of his wild fantasias (for he not unfrequently accompanied himself with rhymed verbal improvisations), the result of that intense mental collectedness and concentration to which I have previously alluded as observable only in particular moments of the highest artificial excitement. The words of one of these rhapsodies I have easily remembered. I was, perhaps, the more forcibly impressed with it, as he gave it, because, in the under or mystic current of its meaning, I fancied that I perceived, and for the first time, a full consciousness on the part of Usher, of the tottering of his lofty reason upon her throne. The verses, which were entitled «The Haunted Palace,» ran very nearly, if not accurately, thus:

I.

*In the greenest of our valleys,
By good angels tenanted,
Once a fair and stately palace –
Radiant palace – reared its head.
In the monarch Thought's dominion –
It stood there!
Never seraph spread a pinion
Over fabric half so fair.*

II.

*Banners yellow, glorious, golden,
On its roof did float and flow;
(This – all this – – was in the olden
Time long ago)
And every gentle air that dallied,
In that sweet day,
Along the ramparts plumed and pallid,
A winged odour went away.*

III.

*Wanderers in that happy valley
Through two luminous windows saw
Spirits moving musically
To a lute's well-tuned law,*

*Round about a throne, where sitting
(Porphyrogene!)
In state his glory well befitting,
The ruler of the realm was seen.*

IV.

*And all with pearl and ruby glowing
Was the fair palace door,
Through which came flowing,
flowing, flowing
And sparkling evermore,
A troop of Echoes whose sweet duty
Was but to sing,
In voices of surpassing beauty,
The wit and wisdom of their king.*

V.

*But evil things, in robes of sorrow,
Assailed the monarch's high estate;
(Ah, let us mourn, for never morrow
Shall dawn upon him, desolate!)
And, round about his home, the glory
That blushed and bloomed
Is but a dim-remembered story
Of the old time entombed.*

VI.

*And travellers now within that valley,
Through the red-litten windows see
Vast forms that move fantastically
To a discordant melody;
While, like a rapid ghastly river,
Through the pale door;
A hideous throng rush out forever,
And laugh – but smile no more.*

I well remember that suggestions arising from this ballad led us into a train of thought wherein there became manifest an opinion of Usher's which I mention not so much on account of its novelty (for other men have thought thus,) as on account of the pertinacity with which he maintained it. This opinion, in its general form, was that of the sentience of all vegetable things. But, in his disordered fancy, the idea had assumed a more daring character, and trespassed, under certain conditions, upon the kingdom of inorganization. I lack words to express the full extent, or the earnest *abandon* of his persuasion. The belief, however, was connected (as I have previously hinted) with the gray stones of the home of his forefathers. The conditions of the sentience

had been here, he imagined, fulfilled in the method of collocation of these stones – in the order of their arrangement, as well as in that of the many *fungi* which overspread them, and of the decayed trees which stood around – above all, in the long undisturbed endurance of this arrangement, and in its reduplication in the still waters of the tarn. Its evidence – the evidence of the sentience – was to be seen, he said (and I here started as he spoke), in the gradual yet certain condensation of an atmosphere of their own about the waters and the walls. The result was discoverable, he added, in that silent yet importunate and terrible influence which for centuries had moulded the destinies of his family, and which made *him* what I now saw him – what he was. Such opinions need no comment, and I will make none.

Our books – the books which, for years, had formed no small portion of the mental existence of the invalid – were, as might be supposed, in strict keeping with his character of phantasm. We pored together over such works as the *Vervet et Chartreuse of Gresset*; the *Belphegor of Machiavelli*; the *Heaven and Hell of Swedenborg*; the *Subterranean Voyage of Nicholas Klimm of Holberg*; the *Chiromancy of Robert Flud*, of Jean D'Indaginé, and of *De la Chambre*; the *Journey into the Blue Distance of Tieck*; and the *City of the Sun of Campanella*. One favourite volume was a small octavo edition of the *Directorium Inquisitorium*, by the Dominican Eymeric de Gironne; and there were passages in Pomponius Mela, about the old African Satyrs and Ægipans, over which Usher should sit dreaming for hours. His chief delight, however, was found in the perusal of an exceedingly rare and curious book in quarto Gothic – the manual of a forgotten church – the *Vigiliæ Mortuorum secundum Chorum Ecclesiæ Maguntinæ*.

I could not help thinking of the wild ritual of this work, and of its probable influence upon the hypochondriac, when, one evening, having informed me abruptly that the lady Madeline was no more, he stated his intention of preserving her corpse for a fortnight, (previously to its final interment,) in one of the numerous vaults within the main walls of the building. The worldly reason, however, assigned for this singular proceeding, was one which I did not feel at liberty to dispute. The brother had been led to his resolution (so he told me) by consideration of the unusual character of the malady of the deceased, of certain obtrusive and eager inquiries on the part of her medical men, and of the remote and exposed situation of the burial-ground of the family. I will not deny that when I called to mind the sinister countenance of the person whom I met upon the staircase, on the day of my arrival at the house, I had no desire to oppose what I regarded as at best but a harmless, and by no means an unnatural, precaution.

At the request of Usher, I personally aided him in the arrangements for the temporary entombment. The body having been encoffined, we two alone bore it to its rest. The vault in which we placed it (and which had been so long unopened that our torches, half smothered in its oppressive atmosphere, gave us little opportunity for investigation) was

small, damp, and entirely without means of admission for light; lying, at great depth, immediately beneath that portion of the building in which was my own sleeping apartment. It had been used, apparently, in remote feudal times, for the worst purposes of a donjon-keep, and, in later days, as a place of deposit for powder, or some other highly combustible substance, as a portion of its floor, and the whole interior of a long archway through which we reached it, were carefully sheathed with copper. The door, of massive iron, had been, also, similarly protected. Its immense weight caused an unusually sharp grating sound, as it moved upon its hinges.

Having deposited our mournful burden upon tressels within this region of horror, we partially turned aside the yet unscrewed lid of the coffin, and looked upon the face of the tenant. A striking similitude between the brother and sister now first arrested my attention; and Usher, divining, perhaps, my thoughts, murmured out some few words from which I learned that the deceased and himself had been twins, and that sympathies of a scarcely intelligible nature had always existed between them. Our glances, however, rested not long upon the dead – for we could not regard her unawed. The disease which had thus entombed the lady in the maturity of youth, had left, as usual in all maladies of a strictly cataleptical character, the mockery of a faint blush upon the bosom and the face, and that suspiciously lingering smile upon the lip which is so terrible in death. We replaced and screwed down the lid, and, having secured the door of iron, made our way, with toil, into the scarcely less gloomy apartments of the upper portion of the house.

And now, some days of bitter grief having elapsed, an observable change came over the features of the mental disorder of my friend. His ordinary manner had vanished. His ordinary occupations were neglected or forgotten. He roamed from chamber to chamber with hurried, unequal, and objectless step. The pallor of his countenance had assumed, if possible, a more ghastly hue – but the luminousness of his eye had utterly gone out. The once occasional huskiness of his tone was heard no more; and a tremulous quaver, as if of extreme terror, habitually characterized his utterance. There were times, indeed, when I thought his unceasingly agitated mind was labouring with some oppressive secret, to divulge which he struggled for the necessary courage. At times, again, I was obliged to resolve all into the mere inexplicable vagaries of madness, for I beheld him gazing upon vacancy for long hours, in an attitude of the profoundest attention, as if listening to some imaginary sound. It was no wonder that his condition terrified – that it infected me. I felt creeping upon me, by slow yet certain degrees, the wild influences of his own fantastic yet impressive superstitions.

It was, especially, upon retiring to bed late in the night of the seventh or eighth day after the placing of the lady Madeline within the donjon, that I experienced the full power of such feelings. Sleep came not near my couch – while the hours waned and waned away. I struggled to rea-

son off the nervousness which had dominion over me. I endeavoured to believe that much, if not all of what I felt, was due to the bewildering influence of the gloomy furniture in the room – of the dark and tattered draperies, which, tortured into motion by the breath of a rising tempest, swayed fitfully to and fro upon the walls, and rustled uneasily about the decorations of the bed. But my efforts were fruitless. An irrepressible tremor gradually pervaded my frame; and, at length, there sat upon my very heart an incubus of utterly causeless alarm. Shaking this off with a gasp and a struggle, I uplifted myself upon the pillows, and, peering earnestly within the intense darkness of the chamber, hearkened – I know not why, except that an instinctive spirit prompted me – to certain low and indefinite sounds which came, through the pauses of the storm, at long intervals, I knew not whence. Overpowered by an intense sentiment of horror, unaccountable yet unendurable, I threw on my clothes with haste (for I felt that I should sleep no more during the night), and endeavoured to arouse myself from the pitiable condition into which I had fallen, by pacing rapidly to and fro through the apartment.

I had taken but few turns in this manner, when a light step on an adjoining staircase arrested my attention. I presently recognized it as that of Usher. In an instant afterward he rapped, with a gentle touch, at my door, and entered, bearing a lamp. His countenance was, as usual, cadaverously wan – but, moreover, there was a species of mad hilarity in his eyes – an evidently restrained *hysteria* in his whole demeanour. His air appalled me – but any thing was preferable to the solitude which I had so long endured, and I even welcomed his presence as a relief.

«And you have not seen it?» he said abruptly, after having stared about him for some moments in silence – «you have not then seen it? – but, stay! you shall.» Thus speaking, and having carefully shaded his lamp, he hurried to one of the casements, and threw it freely open to the storm.

The impetuous fury of the entering gust nearly lifted us from our feet. It was, indeed, a tempestuous yet sternly beautiful night, and one wildly singular in its terror and its beauty. A whirlwind had apparently collected its force in our vicinity; for there were frequent and violent alterations in the direction of the wind; and the exceeding density of the clouds (which hung so low as to press upon the turrets of the house) did not prevent our perceiving the life-like velocity with which they flew careering from all points against each other, without passing away into the distance. I say that even their exceeding density did not prevent our perceiving this – yet we had no glimpse of the moon or stars – nor was there any flashing forth of the lightning. But the under surfaces of the huge masses of agitated vapour, as well as all terrestrial objects immediately around us, were glowing in the unnatural light of a faintly luminous and distinctly visible gaseous exhalation which hung about and enshrouded the mansion.

«You must not – you shall not behold this!» said I, shuddering, to Usher, as I led him, with a gentle violence, from the window to a seat.

«These appearances, which bewilder you, are merely electrical phenomena not uncommon – or it may be that they have their ghastly origin in the rank miasma of the tarn. Let us close this casement; – the air is chilling and dangerous to your frame. Here is one of your favourite romances. I will read, and you shall listen; – and so we will pass away this terrible night together.»

The antique volume which I had taken up was the «Mad Trist» of Sir Launcelot Canning; but I had called it a favourite of Usher's more in sad jest than in earnest; for, in truth, there is little in its uncouth and unimaginative prolixity which could have had interest for the lofty and spiritual ideality of my friend. It was, however, the only book immediately at hand; and I indulged a vague hope that the excitement which now agitated the hypochondriac might find relief (for the history of mental disorder is full of similar anomalies) even in the extremeness of the folly which I should read. Could I have judged, indeed, by the wild overstrained air of vivacity with which he hearkened, or apparently hearkened, to the words of the tale, I might well have congratulated myself upon the success of my design.

I had arrived at that well-known portion of the story where Ethelred, the hero of the Trist, having sought in vain for peaceable admission into the dwelling of the hermit, proceeds to make good an entrance by force. Here, it will be remembered, the words of the narrative run thus:

«And Ethelred, who was by nature of a doughty heart, and who was now mighty withal, on account of the powerfulness of the wine which he had drunken, waited no longer to hold parley with the hermit, who, in sooth, was of an obstinate and malicious turn, but, feeling the rain upon his shoulders, and fearing the rising of the tempest, uplifted his mace outright, and, with blows, made quickly room in the plankings of the door for his gauntleted hand; and now pulling therewith sturdily, he so cracked, and ripped, and tore all asunder, that the noise of the dry and hollow-sounding wood alarmed and reverberated throughout the forest.»

At the termination of this sentence I started and, for a moment, paused; for it appeared to me (although I at once concluded that my excited fancy had deceived me) – it appeared to me that, from some very remote portion of the mansion, there came, indistinctly, to my ears, what might have been, in its exact similarity of character, the echo (but a stifled and dull one certainly) of the very cracking and ripping sound which Sir Launcelot had so particularly described. It was, beyond doubt, the coincidence alone which arrested my attention; for, amid the rattling of the sashes of the casements, and the ordinary commingled noises of the still increasing storm, the sound, in itself, had nothing, surely, which should have interested or disturbed me. I continued the story:

«But the good champion Ethelred, now entering within the door, was sore enraged and amazed to perceive no signal of the malicious hermit; but, in the stead thereof, a dragon of a scaly and prodigious demeanour, and of a fiery tongue, which sate in guard before a palace of

gold, with a floor of silver; and upon the wall there hung a shield of shining brass with this legend enwritten –

*Who entereth herein, a conqueror
bath bin;
Who slayeth the dragon, the shield he
shall win.*

And Ethelred uplifted his mace, and struck upon the head of the dragon, which fell before him, and gave up his pesty breath, with a shriek so horrid and harsh, and withal so piercing, that Ethelred had fain to close his ears with his hands against the dreadful noise of it, the like whereof was never before heard.»

Here again I paused abruptly, and now with a feeling of wild amazement – for there could be no doubt whatever that, in this instance, I did actually hear (although from what direction it proceeded I found it impossible to say) a low and apparently distant, but harsh, protracted, and most unusual screaming or grating sound – the exact counterpart of what my fancy had already conjured up for the dragon's unnatural shriek as described by the romancer.

Oppressed, as I certainly was, upon the occurrence of this second and most extraordinary coincidence, by a thousand conflicting sensations, in which wonder and extreme terror were predominant, I still retained sufficient presence of mind to avoid exciting, by any observation, the sensitive nervousness of my companion. I was by no means certain that he had noticed the sounds in question; although, assuredly, a strange alteration had, during the last few minutes, taken place in his demeanour. From a position fronting my own, he had gradually brought round his chair, so as to sit with his face to the door of the chamber; and thus I could but partially perceive his features, although I saw that his lips trembled as if he were murmuring inaudibly. His head had dropped upon his breast – yet I knew that he was not asleep, from the wide and rigid opening of the eye as I caught a glance of it in profile. The motion of his body, too, was at variance with this idea – for he rocked from side to side with a gentle yet constant and uniform sway. Having rapidly taken notice of all this, I resumed the narrative of Sir Launcelot, which thus proceeded:

«And now, the champion, having escaped from the terrible fury of the dragon, bethinking himself of the brazen shield, and of the breaking up of the enchantment which was upon it, removed the carcass from out of the way before him, and approached valorously over the silver pavement of the castle to where the shield was upon the wall; which in sooth tarried not for his full coming, but fell down at his feet upon the silver floor, with a mighty great and terrible ringing sound.»

No sooner had these syllables passed my lips, than – as if a shield of brass had indeed, at the moment, fallen heavily upon a floor of silver – I became aware of a distinct, hollow, metallic, and clangorous, yet

apparently muffled, reverberation. Completely unnerved, I leaped to my feet; but the measured rocking movement of Usher was undisturbed. I rushed to the chair in which he sat. His eyes were bent fixedly before him, and throughout his whole countenance there reigned a stony rigidity. But, as I placed my hand upon his shoulder, there came a strong shudder over his whole person; a sickly smile quivered about his lips; and I saw that he spoke in a low, hurried, and gibbering murmur, as if unconscious of my presence. Bending closely over him, I at length drank in the hideous import of his words.

«Not hear it? – yes, I hear it, and *have* heard it. Long – long – long – many minutes, many hours, many days, have I heard it – yet I dare not – oh, pity me, miserable wretch that I am! – I dared not – I *dared* not speak! *We have put her living in the tomb!* Said I not that my senses were acute? I *now* tell you that I heard her first feeble movements in the hollow coffin. I heard them – many, many days ago – yet I dared not – I *dared not speak!* And now – to-night – Ethelred – ha! ha! – the breaking of the hermit's door, and the death-cry of the dragon, and the clangour of the shield! – say, rather, the rending of her coffin, and the grating of the iron hinges of her prison, and her struggles within the coppered archway of the vault! Oh whither shall I fly? Will she not be here anon? Is she not hurrying to upbraid me for my haste? Have I not heard her footstep on the stair? Do I not distinguish that heavy and horrible beating of her heart? *MADMAN!*» – here he sprang furiously to his feet, and shrieked out his syllables, as if in the effort he were giving up his soul – «*MADMAN! I TELL YOU THAT SHE NOW STANDS WITHOUT THE DOOR!*»

As if in the superhuman energy of his utterance there had been found the potency of a spell – the huge antique panels to which the speaker pointed, threw slowly back, upon the instant, their ponderous and ebony jaws. It was the work of the rushing gust – but then without those doors there *did* stand the lofty and enshrouded figure of the lady Madeline of Usher. There was blood upon her white robes, and the evidence of some bitter struggle upon every portion of her emaciated frame. For a moment she remained trembling and reeling to and fro upon the threshold, then, with a low moaning cry, fell heavily inward upon the person of her brother, and in her violent and now final death-agonies, bore him to the floor a corpse, and a victim to the terrors he had anticipated.

From that chamber, and from that mansion, I fled aghast. The storm was still abroad in all its wrath as I found myself crossing the old causeway. Suddenly there shot along the path a wild light, and I turned to see whence a gleam so unusual could have issued; for the vast house and its shadows were alone behind me. The radiance was that of the full, setting, and blood-red moon, which now shone vividly through that once barely discernible fissure, of which I have before spoken as extending from the roof of the building, in a zigzag direction, to the base. While I gazed, this fissure rapidly widened – there came a fierce breath of the

whirlwind – the entire orb of the satellite burst at once upon my sight – my brain reeled as I saw the mighty walls rushing asunder – there was a long tumultuous shouting sound like the voice of a thousand waters – and the deep and dank tarn at my feet closed sullenly and silently over the fragments of the «HOUSE OF USHER.»

A QUEDA DA CASA DE USHER

Edgar Allan Poe

(tradução de José Manuel Lopes)

*Son cœur est un luth suspendu;
Sitôt qu'on le touche il résonne.²*

De Béranger

Durante todo um dia enevoado, escuro e sem som, no Outono desse ano, quando as nuvens pairavam no céu opressivamente baixas, eu percorrera sozinho, a cavalo, uma extensão de terreno particularmente lúgubre e, por fim, quando as sombras da tarde se adensaram, encontrei-me perante a melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas logo que avistei o edifício, uma impressão de insuportável tristeza penetrou no meu espírito. Digo insuportável, dado que essa impressão não foi mitigada por nenhum desses sentimentos vagamente agradáveis, porque poéticos, com que a mente recebe mesmo as mais cruas imagens naturais de tudo o que possa parecer terrível e desolado. Observei o cenário diante de mim – a casa que ali estava e as simples características paisagísticas da propriedade, as paredes nuas e frias e as janelas como olhos vazios, algumas margens de juncos e uns quantos troncos brancos de árvores apodrecidas – sentindo uma grande depressão na alma que não poderei comparar a nenhuma outra sensação conhecida senão ao período que advém, após o sonho, a um boémio sob os efeitos do ópio – o amargo deslize para a vida real, a hedionda queda de um véu. Havia algo de gelado, um afundar, um peso no coração – uma irredimível mágoa no pensamento que nenhum agudizar das faculdades imaginativas poderia transformar em algo de sublime. O que foi? – parei para pensar – Que coisa teria actuado desse modo nos meus nervos ao contemplar a Casa de Usher? Tratava-se de um mistério de todo insolúvel, e eu nem sequer me pude agarrar às fantasias sombrias que me invadiam enquanto pensava. Vi-me forçado a cair na conclusão insatisfatória de que enquanto, de facto, *existem* combinações de objectos naturais muito simples que têm o poder de nos afectar dessa maneira, a análise desses poderes reside, contudo, em considerações que nos escapam. Era possível, reflecti, que um mero arranjo diferente das particularidades do cenário, dos detalhes desse

quadro, fosse suficiente para modificar, e talvez invalidar, a sua capacidade de me transmitir uma sensação magoada. E, prosseguindo esta ideia, conduzi o cavalo pelas rédeas junto à margem escarpada de um lago negro e funéreo que se estendia, com um brilho muito parado, junto da residência, e olhei para o fundo das suas águas – com um arrepio ainda mais intenso do que antes – para as imagens invertidas e remodeladas dos juncos cinzentos, para os decepados e fantasmagóricos troncos de árvores, e para as janelas vazias como olhos.

No entanto, nessa mansão de tristeza, eu planeava uma estadia de algumas semanas. O seu proprietário, Roderick Usher, fora um dos meus companheiros de infância, mas muitos anos se tinham passado desde o nosso último encontro. Uma carta, porém, tinha-me chegado ultimamente às mãos, quando me encontrava numa parte remota do país – uma carta dele – que, bastante urgente, não admitia outra resposta que não fosse em pessoa. O modo como estava escrita revelava uma agitação nervosa onde Roderick falava de uma aguda doença física, de uma desordem mental que o oprimia e de um desejo desesperado em ver-me – dado que eu era o seu melhor e, de facto, único amigo – para que eu tentasse, com a jovialidade da minha companhia, aliviar a sua enfermidade. Teria sido o modo como tudo isso, e muitas outras coisas, fora dito – teria sido o aparente «empenhamento» que acompanhava o seu pedido – que não me dera lugar a hesitações; e eu obedeci logo ao que ainda considero ser uma convocatória muito particular.

Se bem que, no nosso tempo de rapazes, tivéssemos sido amigos, eu sabia, apesar de tudo, muito pouco acerca dele. A sua reserva fora sempre excessiva e usual. Contudo, eu estava consciente de que a sua família, desde os tempos mais longínquos, tinha sido conhecida pela sensibilidade peculiar de temperamento que se revelava, ao longo das épocas, em muitas e exaltadas obras de arte, e se manifestava ultimamente nos repetidos actos de generosa mas discreta caridade, se bem como através da devoção apaixonada pelas dificuldades – talvez ainda mais do que pelas convencionais e fáceis belezas reconhecidas – da ciência musical. Também tinha sabido do facto muito curioso de que o tronco da família Usher, por mais antigo e respeitável que fosse, não tivera feito vingar, em qualquer altura, nenhuns ramos duradouros; por outras palavras, que a família inteira provinha da mesma descendência em linha recta, e que assim tinha permanecido com menores ou muito temporárias variações. Era esta deficiência que eu considerava ao percorrer e comparar a perfeita manutenção do carácter desse lugar com o carácter das pessoas, e ao especular sobre a possível influência que, ao longo dos séculos, uma poderia ter exercido sobre a outra – era esta deficiência, talvez de origem colateral, e a consequente transmissão sem desvios de pai para filho do património com o mesmo nome, que teria, por fim, identificado tanto as duas coisas, ao ponto de se ter dado ao título original da propriedade o breve e inequívoco nome de «Casa de Usher» – uma designação que parecia incluir, na mente dos camponezes que a usavam, quer a família quer a residência familiar.

² «O seu coração é um alaúde suspenso; Mal o tocamos ele ressoa.»

Já mencionei que o único efeito da minha experiência um pouco ingênua – a de olhar para o fundo das águas – tinha sido a de acentuar a minha primeira impressão. Não poderá haver qualquer dúvida de que a consciência do rápido incremento da minha superstição – porque não chamar-lhe assim? – servira, principalmente, para acelerar essa mesma potencialidade. Como há muito o sabia já, assim é a lei paradoxal de todos os sentimentos que têm como base o terror. Talvez tenha sido apenas por essa razão que, quando de novo ergui os olhos para a casa, após ter visto a sua imagem reflectida nesse lago, uma estranha fantasia tivesse tomado posse do meu espírito – uma fantasia afinal tão ridícula, que tão-só a menciono para mostrar a nítida força das sensações que me oprimiam. Eu estava a exercitar a minha imaginação de tal modo, a ponto de acreditar que, em torno da casa e através de toda a propriedade, pairava uma atmosfera em tudo peculiar a estas e a todos os lugares próximos – uma atmosfera que nenhuma afinidade tinha com o ar dos céus, mas que se exalava das árvores apodrecidas, das paredes cinzentas e do lago silencioso – um vapor misterioso e pestilento, opaco, lento, vagamente discernível e cor-de-chumbo.

Afastando do meu espírito o que *deveria* ter sido um sonho, examinei mais atentamente o verdadeiro aspecto do edifício. A sua principal característica residia na sua excessiva antiguidade. A descoloração provocada pelo tempo fora grande. Pequeníssimos fungos alastravam por todo o seu exterior, suspensos das goteiras do telhado por finas teias emaranhadas. Porém, tudo isso aí se encontrava para além da sua extraordinária ruína. Nenhuma parte da alvenaria tinha caído, e parecia haver uma enorme inconsistência entre a perfeita adaptação das várias partes e o carácter esboroado de cada pedra. Em tudo isso, havia algo que fazia lembrar a qualidade enganadora de velhas madeiras trabalhadas que tivessem apodrecido, durante muitos anos, em alguma cripta esquecida, sem qualquer interferência do ar exterior. No entanto, para além desta indicação de generalizado declínio, a sua construção não dava sinais de instabilidade, mas talvez que os olhos de um observador atento tivessem descoberto uma fissura, quase imperceptível, que, estendendo-se desde o telhado do edifício em frente de mim, o percorria ziguezagueando até se perder nas águas taciturnas do lago.

Ao dar-me conta de tudo isto, continuei pela curta calçada que se desenhava sobre esse terreno lamacento até chegar perto da casa. Um criado que aí estava, levou o meu cavalo e eu atravessei a arcada gótica do vestíbulo. Um outro criado, com passos furtivos, levou-me então, em silêncio, através de uma série de passagens escuras e intrincadas que conduziam até ao estúdio do seu amo. Muito do que vi nesse momento contribuiu, não sei porquê, para agudizar os vagos sentimentos que já mencionei. Ainda que os objectos à minha volta – ainda que os tectos de madeira esculpida, as sombrias tapeçarias nas paredes, a escuridão de ébano dos sobrados e os fantasmagóricos troféus de armas que matraqueavam à minha passagem, não passassem de coisas às quais, ou como aquelas, a que me tinha habituado desde a infância, e, se bem

que não hesitasse em dar-me conta do modo como tudo me era familiar, admirei-me, no entanto, ao ver quão estranhas eram as fantasias que essas imagens banais pareciam conjurar. Numa das escadarias tive a oportunidade de ver o médico da família. O seu rosto, pensei, tinha uma expressão onde se misturavam uma fria astúcia e uma certa perplexidade. Abeirou-se de mim com entusiasmo, e depois foi-se embora. O criado, então, abriu de par em par as portas da divisão onde o meu amigo se encontrava, e levou-me até ele.

A sala em que me encontrei era vasta e luxuosa. As janelas eram longas, estreitas e ogivadas e tão distantes do sobrado escuro de carvalho, que se tornavam inacessíveis pela parte interior. Raios ténues de uma luz vagamente carmesim atravessavam os pequenos caixilhos de vidro e eram suficientes para tornarem visíveis os objectos principais à minha volta. Os olhos, contudo, procuravam, em vão, discernir os cantos mais afastados dessa sala, ou os recessos, por entre os travejamentos desse tecto abobadado. Havia tapeçarias escuras que cobriam as paredes. O mobiliário, em geral, era profuso, inconfortável, antigo e gasto. Muitos livros e instrumentos de música se encontravam por aí espalhados, sem, no entanto, darem mais vida a esse cenário. Senti que respirava uma atmosfera de tristeza, pois um ar carregado de uma profunda e irredimível melancolia pairava na sala entranhando-se em tudo.

Logo que entrei, Usher levantou-se do sofá em que estivera deitado e saudou-me de um modo vivo e caloroso que tinha muito, como então pensei, de exagerada cordialidade – do esforço constrangido de um entediado homem de sociedade. Contudo, assim que vi o seu rosto, convenci-me da sua perfeita sinceridade. Sentámo-nos, e, por instantes, enquanto não tínhamos começado a falar, eu olhava para ele com um sentimento misto de piedade e de pavor. Estava certo de que nenhum homem se alterara tanto, em tão pouco tempo, como Roderick Usher! Foi com dificuldade que eu me dei conta de que esse indivíduo macilento era, afinal, o meu companheiro de infância. No entanto, o carácter das suas feições tinha sido sempre curioso. Uma complexão cadavérica; olhos grandes, húmidos e luminosos como nenhuns; lábios um pouco finos e muito pálidos, mas muito bem delineados; um nariz de delicado modelo hebraico, mas com um tamanho de narinas pouco usual em pessoas desse tipo; um queixo bem moldado revelando, através da sua falta de proeminência, uma falta de energia moral; cabelo fino e macio como uma teia; todas estas características e uma anormal dilatação acima da região das têmporas formavam um rosto que não se poderia esquecer facilmente. E agora, no mero exagero do carácter prevalecente nessas feições, e na expressão que pareciam transmitir, havia tanta mudança que eu duvidava acerca de com quem estava a falar. A presente palidez da pele e o miraculoso brilho dos olhos, mais do que tudo, encheram-me de espanto e de pavor. O seu cabelo sedoso também crescera irregularmente e, dada a sua finíssima textura, parecia flutuar em vez de simplesmente cair sobre o seu rosto, de modo que

eu, mesmo esforçando-me, não poderia ligar a sua expressão exótica a nenhuma simples concepção humana.

Notei logo uma incoerência nos modos do meu amigo – uma inconsistência; e em breve me dei conta de que tal resultava de uma fraca e fútil luta para evitar um tremor habitual – uma excessiva agitação nervosa. Eu estava já preparado para qualquer coisa dessa natureza, não só pela sua carta, mas também pelas reminiscências de certos traços de infância e pelas conclusões que deduzira da sua peculiar constituição física e do seu temperamento. As suas acções ora revelavam entusiasmo ora melancolia. A sua voz variava rapidamente de uma trémula indecisão (quando o seu lado irracional parecia estar adormecido) a uma espécie de concisão energética – uma enunciação abrupta, pesada, lenta e cavernosa – as frases guturais arrastadas, equilibradas e bem modeladas que poderemos observar num ébrio perdido ou num inveterado fumador de ópio, durante os períodos de excitação mais intensa.

Foi desse modo que ele falou na razão da minha visita, do seu ansioso desejo em ver-me e no alívio que ele esperava que eu lhe trouxesse. Roderick falou-me, durante algum tempo, sobre o que pensava ser a natureza da sua doença. Tratava-se, disse, de um mal físico de família, para o qual, desesperadamente, procurava um remédio – uma mera perturbação nervosa, apressou-se a acrescentar, que, em breve, deveria passar e que se apresentava com uma variedade de sensações estranhas. Algumas destas, quando ele as enumerou, interessaram-me e surpreenderam-me; ainda que, talvez, os termos e o modo geral como ele as relatou tivessem tido um certo peso. Roderick sofria muito de uma agudez mórbida dos sentidos; a comida mais insípida tornava-se-lhe insuportável; só podia usar roupa com uma determinada textura; o odor de todas as flores era para si opressivo; os olhos doíam-lhe, mesmo em presença da mais tênue luz; e havia apenas alguns sons, e estes de instrumentos de cordas, que não o enchiam de pavor.

Pensei no modo como ele estava acorrentado, como um escravo, a um tipo de terror invulgar. «Acabarei por morrer», disse Roderick, «*hei-de morrer* devido a esta loucura deplorável. Assim, assim, e não de outra maneira, me hei-de eu perder. Temo os acontecimentos futuros, não em si mesmos, mas do que deles possa resultar. Temo ao pensar em algum evento, mesmo o mais trivial, que possa actuar nesta minha intolerável agitação da alma. De facto, não me repugna o perigo, excepto as suas mais absolutas consequências – o terror. Nesta lamentável condição nervosa creio que, mais tarde ou mais cedo, possa chegar o momento em que tenha que abandonar a vida e a razão, numa luta com esse tenebroso fantasma – o MEDO.»

Para além disto, vim a saber, através de pausas ou de longas e equívocas insinuações, outra curiosa característica do seu estado mental. Roderick estava preso a certas impressões supersticiosas em relação à casa em que residia, e, por isso, durante muitos anos, nunca se aventurara a afastar-se – devido a uma influência cuja força agoirenta me foi

comunicada em termos demasiado sombrios e vagos para que aqui os possa mencionar – uma influência que, devido a algumas peculiaridades na mera forma e substância da sua mansão familiar, se tinha insinuado no seu espírito, segundo me disse, devido a um longo sofrimento – um efeito que, dada a «natureza» das paredes cinzentas e dos torreões, e o sinistro lago em que tudo se espelhava, tinha, ao longo dos anos, provocado o presente estado moral da sua existência.

Contudo, ele admitia, não sem uma certa hesitação, que muito da morbidez característica que o afectava poderia ter tido uma origem bem mais natural e palpável na doença grave e prolongada – de facto, na aproximação óbvia da morte de uma irmã muito querida, sua única companheira de longos anos e único membro da família ainda vivo. «A sua morte» exclamou com uma amargura que nunca esquecerei, «torná-lo-ia (a ele, fraco e desesperançado) a única pessoa da família dos Usher». Enquanto ele falava, Lady Madeline (pois assim se chamava ela) deslizou através de uma parte afastada dessa sala e, sem se ter dado conta da minha presença, acabou por desaparecer. Olhei-a com uma emoção onde se misturavam o espanto e um estranho receio – e contudo, ainda considerei impossível definir o sentimento causado por essa impressão. Havia uma sensação de estupefacção que me oprimia à medida que os seus passos se afastavam. Quando, por fim, uma porta se fechou sobre o seu vulto, os meus olhos procuraram ansiosa e instintivamente os olhos do irmão, mas este ocultara o seu rosto entre mãos, e eu pude ver que um tipo de palidez, mais fora de vulgar, se espalhara pelos seus dedos muito magros, através dos quais escorriam lágrimas apaixonadas.

A doença de Lady Madeline tinha, durante muito tempo, desafiado os conhecimentos dos seus médicos. Uma apatia crónica, um definhar gradual de todo o corpo e frequentes, se bem que breves, perturbações de um estado, em parte cataléptico, constituíam esse diagnóstico pouco habitual. Até então, ela resistira sempre aos caprichos da sua doença e ainda não tinha ficado acamada, mas, ao aproximar-se o fim de tarde da minha chegada a essa casa, ela sucumbiu (tal como o seu irmão me contou com uma inexprimível agitação) ao poder arrasador da Destruidora, e eu vim a saber que a visão furtiva que obtivera dela seria talvez a última – que essa senhora não mais seria vista por mim enquanto fosse viva.

Durante os vários dias seguintes, nem eu nem Usher mencionámos o seu nome: e, durante esse período, estive ocupado tentando aliviar a melancolia do meu amigo. Pintávamos e líamos juntos, ou ouvia, como se num sonho, as estranhas improvisações da sua viola. E assim, como a nossa intimidade sem reservas me tivesse levado, progressivamente, até aos recessos do seu espírito, apercebi-me, cada vez com mais amargura, da futilidade de querer animar uma alma na qual a escuridão, como se de uma qualidade positiva se tratasse, parecia invadir todos os objectos do universo moral e físico com uma incessante radiação de tristeza.

Hei-de sempre levar comigo a memória de todas essas horas solenes que passei com o senhor da Casa de Usher. Contudo, irei falhar se me entregar a qualquer tentativa de poder dar uma ideia exacta acerca da natureza dos estudos, ou das ocupações, em que ele me envolveu, ou para os quais me abriu o caminho. Uma idealização excitada e altamente febril espalhava, sobre todas as coisas, um brilho sulfuroso. Os seus longos cantos fúnebres improvisados ressoarão para sempre nos meus ouvidos. Acima de tudo, guardo dolosamente, na memória, uma certa perversão e amplificação do ritmo acelerado da última valsa de Von Weber.³ Das pinturas às quais a sua imaginação elaborada se entregava, e que se expandiam, pincelada a pincelada em algo de vago que me fazia arrepiar, sobretudo por eu não saber porquê: – sobre essas pinturas (tão vívidas quanto as suas imagens agora o são para mim) em vão tentaria compor uma pequena descrição a que meras palavras escritas pudessem fazer justiça. Ele conseguia atrair e fascinar a atenção através da simplicidade e da nudez dos seus desenhos e, se alguma vez um mortal pintou uma ideia, esse mortal era Roderick Usher. Pelo menos para mim – dadas as circunstâncias em que me encontrava – das puras abstracções que o pobre hipocondríaco tentava pôr na tela crescia a intensidade de um intolerável terror, cuja sombra eu nunca sentira ainda ao contemplar alguns dos brilhantes, e no entanto concretos, devaneios de Fuseli.⁴

Uma das fantasmagóricas concepções do meu amigo, que compar-tilhava, mas não tão rigidamente, do espírito da abstracção, pode ser esboçada por palavras, ainda que de um modo um pouco vago. Uma pintura de pequenas dimensões apresentava o interior de uma longuíssima cripta rectangular, ou túnel, com muros baixos, lisos e brancos, sem interrupção nem artifício. Algumas características secundárias deste desenho serviam bem para transmitir a ideia de que esta escavação se encontrava a uma grande profundidade da superfície da terra. Nenhuma saída se poderia observar em parte alguma da sua vasta extensão, e não se viam tochas nem nenhuma fonte de luz artificial; contudo, uma torrente de raios intensos jorrava através desse espaço e banhava tudo com um esplendor fúnebre e despropositado.

Mencionei já essa condição mórbida do nervo auditivo que se tornava intolerável para o infeliz proprietário, à excepção de certos efeitos provocados por instrumentos de corda. Teriam sido, talvez, as estranhas limitações a que ele se reduzira, ao dedicar-se à viola, que teriam dado lugar, em larga medida, ao carácter fantástico das suas execuções. Mas não poderíamos falar, do mesmo modo, da facilidade febril dos seus dos seus *impromptus*. Estes deveriam, de facto, ser o resultado das notas e das letras das suas fantasias extravagantes (pois, muitas vezes, ele se acompanhava a si mesmo com improvisações rimadas), em que se revelavam a sua atitude e concentração mentais, às quais já aludi como

sendo observáveis apenas em momentos particulares da mais alta e artificial excitação. Posso facilmente recordar a letra de uma dessas baladas. Esta impressionou-me, acima de tudo, quando ele a recitou, porque, no seu oculto e místico sentido, julguei perceber, pela primeira vez, uma perfeita consciência, por parte de Usher, acerca do modo como a sua impecável razão vacilava nesse trono. O poema que se intitulava «O Palácio Assombrado» era mais ou menos, senão exactamente, assim:

I.

*No mais verde dos nossos vales,
Pelos bons anjos cuidado,
Em tempos um palácio grande e belo –
Um radiante palácio – se assomava
Nos domínios do monarca Pensamento –
E aí ficava,
Nunca serafim espalhou as asas
Sobre edificio assim tão belo.*

II.

*Estandartes amarelos de oiro glorioso
Nos seus telhados flutuavam e fluíam;
(Isto – tudo isto – era nos velhos
Tempos de antanho)
E cada brisa suave que brincava
Pela doçura do dia,
Já nas muralhas fortes e pálidas
Se esvaía, com uma fragrância alada.*

III.

*Caminhantes desse vale de felicidade
Viam através de duas janelas luminosas
Espíritos que se moviam em música
Ao sabor de um alaúde bem afinado,
À volta de um trono se sentavam
(Porfirogene!)
Em estado de glória bem merecida,
E o senhor do reino aí se via.*

IV.

*E toda em pérolas e rubis brilhantes
Era a porta do palácio,
Por onde vinha flutuando,
flutuando, flutuando
E brilhando ainda mais,
Um desfile de Ecos cuja agradável função
Era apenas a de cantarem,*

³ Referência ao compositor alemão Carl Maria von Weber (1786-1826). (N. do T.)

⁴ Referência ao pintor de cenas do fantástico, John Henry Fuseli (1841-1825). (N. do T.)

Com vozes de inalcançável beleza,
A alegria e sabedoria do seu rei.

V.

Mas coisas más, em trajos de luto,
Invadiram os altos domínios do monarca;
(Oh, lamentemo-nos, pois nunca a manhã
Há-de alvorecer sobre a sua desolação!)
E, em torno da sua casa, a glória
Que rubra aí crescia
É tão-só um conto vago na lembrança
Dos velhos tempos sepultados.

VI.

E viajantes agora nesse vale,
Vêm por janelas a vermelho iluminadas
Vastas sombras que se movem na fantasia
De uma perturbada melodia;
Enquanto, como uma torrente de fantasmas,
Através da porta pálida,
Um atroar terrível se eleva para sempre,
E ri – mas jamais bá-de sorrir.⁵

Ainda me recorde de que as sugestões que esta balada despertou nos levaram a um encadeamento de ideias em que se tornou manifesta uma opinião de Usher que eu mencionarei, não tanto devido à sua inovação (pois outros homens também assim pensaram), mas devido à obstinação com que a mantinha. Tal opinião, de um modo geral, relacionava-se com a capacidade de sentir de todos os elementos vegetais. Mas, na sua imaginação perturbada, a ideia assumira um carácter mais ousado e estendia-se, dadas certas condições, ao reino das coisas inorgânicas. Falham-me aqui as palavras capazes de darem conta de toda a extensão e do pertinaz *abandono* desta sua persuasão. Tal crença, contudo, estava ligada (como anteriormente insinuei) às pedras cinzentas da casa dos seus antepassados. Neste caso, as condições de sensibilidade estavam preenchidas, segundo imaginava, pelo modo como as pedras tinham sido dispostas – na ordem que presidia ao seu arranjo, tal como na grande quantidade de fungos que as cobriam e nas árvores mortas que as rodeavam – acima de tudo, na longa e imperturbada manutenção desse mesmo arranjo, e na sua reduplicação nas águas paradas do lago. A sua evidência, isto é, a evidência dessa capacidade sensível, deveria ser vista (e aqui surpreendi-me enquanto ele falava) na gradual mas, no entanto, concreta condensação de uma atmosfera própria que rodeava as águas e as paredes. O resultado poder-se-ia

observar, acrescentou ele, nessa influência silenciosa, mas inoportuna e terrível, que, ao longo de séculos, moldara os destinos da sua família, e que o transformara *a ele* naquilo que eu então via – naquilo que ele era. Tais opiniões dispensam qualquer comentário, por isso não farei nenhum.

Os nossos livros – os livros que, durante anos, tinham contribuído bastante para a existência mental do paciente – estavam, como seria de esperar, em estrita conformidade com o seu carácter de fantasma. Discutimos juntos obras como o «Vert-Vert» e a *Chartreuse* de Gresset⁶, o *Belfegor* de Maquiavel⁷, *O Céu e o Inferno* de Swedenborg⁸, a *Viagem Subterrânea de Nicholas Klimm* de Holberg⁹, a *Quiromancia* de Robert Flud¹⁰, trabalhos de Jean d'Indaginé e de La Chambre¹¹, *A Viagem para a Distância Azul* de Tieck¹², e a *Cidade do Sol* de Campanella.¹³ Um dos seus volumes favoritos era uma edição *in octavo* do *Directorium Inquisitorium* do dominicano Eymeric de Gironne¹⁴, e havia passagens de Pomponius Mela, sobre os sátiros africanos e o *Agipans*¹⁵, sobre as quais Usher se sentava a sonhar durante horas. O seu maior prazer, no entanto, residia na leitura de um livro muito raro e curioso *in quarto* gótico – o manual de uma Igreja esquecida – as *Vigilæ Mortuorum secundo Chorum Ecclesiæ Maguntinæ*.¹⁶

Não podia deixar de pensar no estranho ritual que esse livro continha e na sua provável influência sobre o hipocondríaco Usher, quando, num serão, após me ter informado abruptamente de que Lady Madeline falecera, ele me comunicou as suas intenções de preservar o seu corpo durante duas semanas (antes de o sepultar) numa das inúmeras criptas no interior das paredes mestras do edifício. Contudo, não me senti com liberdade de disputar as razões para este singular procedimento. O irmão tinha sido levado a uma tal resolução (assim me disse ele) ao considerar a natureza rara da doença da falecida, certos inquéritos pertinazes e indiscretos por parte dos médicos e o local remoto e desabrigado do cemitério de família. Não negarei que, ao recordar-me do rosto sinistro da pessoa que me fora apresentada na

⁵ Poe já tinha publicado este poema, anteriormente, na revista *American Museum* (Abril de 1839). (N. do T.)

⁶ Referência a duas obras satíricas e licenciosas do autor francês do século XVIII Jean-Baptiste-Louis Gresset.

⁷ Referência ao autor florentino Niccolò Machiavelli (1469-1527). (N. do T.)

⁸ Referência ao filósofo místico Emmanuel Swedenborg (1688-1772), cuja produção influenciou um grande número de autores românticos. (N. do T.)

⁹ Referência ao livro *Iter Subterraneum* do escritor dinamarquês Ludvig Holberg (1684-1754). (N. do T.)

¹⁰ Referência ao físico e filósofo místico inglês Robert Flud (1574-1637). (N. do T.)

¹¹ Referência a dois autores franceses de livros de quiromancia que viveram no século XVI, Jean d'Indaginé e Maria Cireau de la Chambre.

¹² Referência a crítico e escritor alemão Ludwig Tieck (1773-1853). (N. do T.)

¹³ Refere-se aqui o livro *Civitas Solis* do escritor e utopista italiano Tommaso Campanella (1568-1639). (N. do T.)

¹⁴ Referência ao inquisidor-mor de Castela, em 1356, Nicholas Eymeric de Gironne, autor de *Directorium Inquisitorium*. (N. do T.)

¹⁵ Um dos nomes do deus Pã. (N. do T.)

¹⁶ Referência a um livro cujo título em português seria «As Vigílias dos Mortos de Acordo com o Cora da Igreja de Mogúncia», publicado em Basileia em 1500. (N. do T.)

escadaria, no dia da minha chegada a essa casa, não tinha quaisquer intenções de me opor ao que considere ser, quanto muito, uma precaução pouco natural mas inofensiva. A pedido de Usher, eu próprio o ajudei nos arranjos para essa sepultura temporária. Uma vez colocado o corpo no caixão, só nós dois o conduzimos a essa morada. A cripta em que o colocámos (e que estivera fechada durante tanto tempo que as nossas tochas, quase apagadas pela sua atmosfera opressiva, nos deram poucas oportunidades para uma observação mais detalhada) era pequena, húmida e sem quaisquer aberturas por onde a luz pudesse entrar; situando-se a uma grande profundidade mesmo por baixo da parte do edifício em que se situava o meu quarto de dormir. Teria funcionado, aparentemente, em remotos tempos feudais, como masmorra e, mais recentemente, como um lugar para guardar pólvora ou outra substância altamente inflamável, dado que parte do lajedo e todo o interior do túnel ogivado que a ela conduziam tinham sido cuidadosamente forrados com folha de cobre. A porta de ferro maciço também fora protegida com um forro semelhante. O seu peso imenso provocava um som agudo e arrepiante sempre que os gonzos se moviam.

Após depositarmos o nosso fúnebre fardo sobre uma mesa, nesse lugar de horror, desviámos um pouco a tampa do caixão que ainda não estava aparafusada, e olhámos para o rosto da defunta. Uma semelhança surpreendente entre o irmão e a irmã atraiu então a minha atenção, e Usher, talvez adivinhando os meus pensamentos, murmurou umas quantas palavras pelas quais vim a saber que Madeline e ele tinham sido gémeos e que certos entendimentos, não de todo claros, tinham sempre existido entre eles. No entanto, os nossos olhares não se demoraram na contemplação da morta — porque não podíamos olhar para ela sem um certo temor. A doença que levava essa senhora à sepultura na flor da sua juventude, como seria de esperar em todas as enfermidades de uma natureza estritamente cataleptica, deixara-lhe a ironia de um suave rubor no peito e nas faces, e aquele teimoso sorriso nos lábios que é tão terrível na morte. Voltámos a colocar e a aparafusar a tampa e, depois de termos fechado a porta de ferro, dirigimo-nos, não sem uma certa dificuldade, para as divisões menos lúgubres da parte superior da casa.

E então, depois de alguns dias de intensa mágoa, operou-se uma mudança observável nas características da desordem mental do meu amigo. Os seus modos conhecidos tinham desaparecido. As suas ocupações habituais tinham sido ou negligenciadas ou esquecidas. Usher vagueava de sala em sala com um andar apressado, irregular e sem finalidade específica. A palidez do seu rosto adquirira, se tal era possível, um tom ainda mais mórbido, e a luminosidade dos seus olhos tinha, de facto, desaparecido. Deixou de se ouvir a brusquidão ocasional do seu tom de voz; e uma trémula entoação, como se revelando um medo extremo, passou a caracterizar as suas frases. Ocasionalmente, na verdade, em que eu pensava que a sua irrequieta e agitada mente se debatia com um inconfessável segredo cuja coragem para revelar ele não conseguia encontrar. Em outras ocasiões, uma vez mais, via-me obriga-

do a atribuir tudo isso aos caprichos da doença, pois via-o de olhos perdidos no vazio durante horas, com uma atitude reveladora de uma profunda atenção, como se escutasse algum som imaginário. Não admira que a sua condição me inquietasse — me tivesse também contagiado. Sentia-me invadido, lenta e eficazmente pelas terríveis influências das suas fantásticas mas impressionantes superstições.

Foi sobretudo na noite do sétimo ou do oitavo dia, depois de termos colocado o corpo de Lady Madeline na masmorra, que, quando me fui deitar já tarde, me apercebi dos plenos poderes de tais impressões. Não conseguia adormecer, enquanto as horas se iam sucedendo umas às outras. Debatia-me tentando racionalizar o estado nervoso que se apossara de mim. Tentava acreditar que muitas, senão todas as coisas que sentia, se deveriam à influência perturbadora do sombrio mobiliário do quarto — aos cortinados escuros e esfarrapados que se mexiam pelo sopro de uma tempestade crescente e ondulavam, para cá e para lá, sobre as paredes, roçando-se, com irregularidade, contra os elementos decorativos da minha cama. Os meus esforços, porém, foram em vão. Um temor irreprimível apossou-se de mim gradualmente; e, por fim, alojou-se um *incubus* alarmante no meu coração, ainda que para isso não houvesse causa. Tentando afastar tudo isso, respirando mais fundo e debatendo-me, elevei o corpo nas almofadas e, olhando fixamente para a escuridão do quarto, à escuta — não sei bem porquê, excepto que algo de instintivo me movia — apercebi-me de certos sons baixos e indefinidos que me chegavam, ocasionalmente, nos intervalos do rumor da tempestade, não sei bem de onde. Dominado por um intenso sentimento de horror, que não podia definir mas que se me tornava insuportável, vesti-me apressadamente (pois sentia que já não deveria dormir mais durante essa noite), e tentei sair dessa condição lastimável em que caíra, caminhando de um lado para o outro do quarto.

Tinha apenas dado algumas passadas, quando uns passos leves vindos da escadaria próxima atraíram a minha atenção. Presentemente, penso que deveriam ter sido os de Usher. Momentos depois, ouvi-o bater, muito ao de leve, à porta do meu quarto e vi-o entrar empunhando um candeeiro. O seu rosto, como era habitual, tinha algo de um desfalecimento cadavérico — mas, para além disso, havia uma espécie de hilaridade louca nos seus olhos — uma evidente histeria reprimida nos seus modos. O seu aspecto surpreendeu-me — mas tudo me era preferível à solidão que por tanto tempo tinha suportado, e cheguei mesmo a julgar que a sua presença era um alívio.

«E ainda não a viste?» perguntou-me abruptamente, após ter olhado em silêncio em torno de si mesmo. «Não viste? — Mas olha que há-de ver.» Falando assim, e depois de ter protegido cuidadosamente a luz do candeeiro, foi direito a uma das janelas e abriu-a, de par em par, para a tempestade.

A fúria impetuosa da ventania que entrou, quase nos atirou ao chão. Tratava-se, com efeito, de uma noite tempestuosa mas tremendamente bela, muito particular pelo terror e pela beleza que inspirava. Um

Traduzir um conto de Poe

redemoinho parecia ter-se formado não muito longe, porque havia frequentes e violentas alterações na direcção do vento, e a densidade excessiva das nuvens (que estavam tão baixas que se comprimiam contra os torresões da casa) não nos impedia ver a força quase vital com que elas voavam, provenientes de todos os lados, umas contra as outras e sem se afastarem na distância. Direi que, mesmo a sua excessiva densidade, não nos impedia ver tal — contudo, não podíamos vislumbrar a lua nem as estrelas — e nem sequer havia nenhum brilho de relâmpagos. Mas as superfícies inferiores das grandes massas de vapor agitado, se bem como todos os objectos terrestres que estavam mais próximos de nós, brilhavam por dentro da luz artificial de uma exalação gasosa e mortíça, mas bem visível, que rodeava tudo, amortalhando a casa.

«Tu não deves — tu não irás contemplar tudo isto!» Disse eu, estremecendo, a Usher, à medida que o arrastava, com uma suave violência, da janela para um assento. «Estas aparências que te desorientam não passam de meros fenómenos eléctricos muito comuns — ou talvez que estes tenham a sua origem nos miasmas fétidos do lago. Fechemos a janela, — o ar está muito frio e pode ser prejudicial à tua constituição física. Aqui está um dos teus romances favoritos. Vou lê-lo e tu irás escutar, e assim haveremos de passar juntos esta noite terrível.»

O antigo volume, em que eu tinha pegado, era o *Mad Trist* de Sir Launcelot Canning¹⁷; mas eu tinha dito que se tratava de um dos favoritos de Usher mais por brincadeira do que por convicção; porque, na verdade, existia muito pouco, na sua prolixidade desastrada e pouco imaginativa, que pudesse interessar os elevados ideais espirituais do meu amigo. Tratava-se, no entanto, do único volume que se encontrava à mão; e eu entretive uma vaga esperança de que o estado de excitação que então parecia agitar esse hipocondríaco pudesse encontrar alguma calma (pois a história das perturbações mentais está cheia destas anomalias) mesmo nos exageros da loucura do que iria ler. Se, de facto, pudesse avaliar tal coisa perante o forçado ar de interesse com que ele escutava, ou parecia escutar as palavras desse relato, poder-me-ia ter congratulado com o sucesso da minha intenção.

Eu chegara àquela parte muito conhecida da história em que Ethelred, o herói de *Mad Trist*, tendo procurado, em vão, ser admitido pacificamente na residência do eremita, começa a tentar aí entrar pela força. Aqui, como me permitirão recordar, a narrativa desenrola-se deste modo:

«E Ethelred, que era por natureza um coração destemido e que se sentia agora cheio de força devido à acção do vinho que bebera, não esperou mais para poder discutir com o eremita (o qual, na verdade, tinha tendências para a malícia e para a teimosia), mas antes, ao sentir a chuva a cair-lhe nos ombros e temendo o desencadear de uma tempestade, ergueu a clava que trazia e, à força de vários golpes, em breve deu cabo dos emadeiramentos da porta para que a sua mão, coberta por

um guante, aí pudesse entrar; e então, insistindo desse modo, conseguiu partir, arrancar e destroçar tudo, de maneira que o som oco da madeira seca a ser despedaçada, provocava alarme e se repercutia por toda a floresta.»

Ao terminar esta frase pus-me à escuta e, por instantes, fiz uma pausa; pois parecera-me (embora tivesse concluído que o meu estado de espírito e a minha imaginação me começavam a enganar) — parecera-me que de um lugar muito remoto da casa, chegava até mim, ainda que indistintamente, o que poderia ter sido, dado o seu carácter similar, o eco (mas esbatido e abafado, não havia dúvida) do som da madeira a ser partida aos bocados que Sir Launcelot tinha descrito tão detalhadamente. Teria sido, não duvidava, apenas a coincidência o que me chamara a atenção; pois que, entre o tremer dos caixilhos da janela e a óbvia mistura de ruídos da tempestade crescente, esse som não tinha nada em si, seguramente, que me tivesse interessado ou perturbado. Continuei então a ler a história:

«Mas o bom campeão Ethelred, tendo agora entrado pela porta, ficou espantado e cheio de raiva por não ter encontrado sinal do malicioso eremita; mas, em seu lugar, um dragão cheio de escamas com um aspecto prodigioso e uma língua de fogo que aí estava a guardar um palácio de ouro com chão de prata; e, na parede, via-se um escudo de latão brilhante com esta legenda escrita:

*Um conquistador será
quem aqui entrar;
E quem matar o dragão
O escudo há-de ganhar.*

E Ethelred, empunhando a sua clava, deu com ela na cabeça do dragão que caiu a seus pés e morreu com um hálito pestilento e com um guincho tão grosso e terrível, tão perfurante e agudo, que Ethelred se viu obrigado a tapar os ouvidos com as mãos para se proteger desse horrendo estertor que ninguém até então jamais ouvira.»

Aqui, uma vez mais, parei abruptamente, e agora bastante intrigado — pois não poderia haver dúvida que, dessa vez, eu realmente ouvira (sem saber, no entanto, de que direcção provinha) um som arrastado, baixo e aparentemente distante, mas, apesar de tudo, áspero e prolongado — uma réplica exacta daquele que a minha imaginação tinha conjurado para o guincho tremendo do dragão, tal como o romancista o descrevia.

Oprimido, como certamente estava, devido à ocorrência da segunda e mais extraordinária coincidência, por um sem número de sensações díspares, nas quais a surpresa e um extremo terror eram predominantes, ainda consegui manter uma presença de espírito suficiente para evitar alarmar, através de alguma observação, o nervosismo sensível do meu companheiro. Estava longe de ter a certeza de que ele ouviu os referidos sons; embora, seguramente, uma estranha alteração do

¹⁷ Livro de tom arcaico imaginado por Poe. (N. do T.)



seu aspecto se tivesse operado, durante os últimos minutos. De uma posição em frente de mim, ele desviara gradualmente a cadeira de modo a ficar voltado para a porta do aposento; de maneira que eu apenas me podia aperceber, em parte, das suas feições, embora pudesse ver que os seus lábios tremiam como se ele murmurasse qualquer coisa de inaudível. A sua cabeça descaíra-lhe sobre o peito — no entanto sabia que não tinha adormecido, devido à grande abertura fixa dos seus olhos, quando o vislumbrei de perfil. O movimento do seu corpo, porém, parecia contrariar esta ideia — pois Usher balançava-se, para um e outro lado, de um modo constante, calmo mas uniforme. Tendo-me logo apercebido de tudo isso, continuei a ler a narrativa de Sir Launcelot, que continuava deste modo:

«E agora o campeão, tendo escapado à fúria do dragão, recordou-se desse escudo de bronze e do quebrar do encantamento que a ele se prendia. Afastou o cadáver do dragão diante de si e aventurou-se corajosamente sobre o chão de prata do castelo onde o escudo se encontrava pendurado na parede, o qual, de facto, não esperou que ele se aproximasse, mas caiu no pavimento de prata, com um enorme e potente som metálico.»

Assim que tinha acabado de pronunciar estas sílabas — como se um escudo de latão tivesse, efectivamente, caído pesadamente sobre o chão de prata — dei-me conta de uma repercussão distinta, oca, metálica, estrondosa, mas, no entanto, abafada. Tomado por uma grande excitação nervosa, levantei-me de repente; mas, o movimento regular e oscilatório de Usher não sofrera alteração. Corri para a cadeira em que ele estava sentado. Os seus olhos continuavam abertos e muito fixos e, através de todo o seu aspecto, havia uma rigidez de pedra. Porém, ao pousar a minha mão sobre o seu ombro, todo ele se agitou; um sorriso doentio tremia-lhe nos lábios, e reparei que ele falava num murmúrio baixo, apressado e inarticulado, como se não se tivesse dado conta da minha presença. Debruçando-me sobre ele, pude então beber o terrível conteúdo das suas palavras.

«Não ouves? — Sim, eu ouço e *tenbo* ouvido. Ouvi-o durante muitos — muitos — muitos minutos, muitas horas, muitos dias — no entanto não me atrevi — Oh! Tenham pena de mim, pobre desgraçado! — Não me atrevi — não me *atrevi* a falar! *Nós colocámo-la viva no túmulo!* Eu não te tinha dito que os meus sentidos eram bastante apurados? Digo-te agora que ouvi os seus primeiros movimentos fracos dentro do caixão. Ouvi-os há já muitos, muitos dias — contudo não me atrevi — não me *atrevi a falar!* E agora — esta noite — Ethelred — Ah! Ah! — o arrombar da porta do eremita, e o guincho de morte do dragão, e o estrondo do escudo! Quicá o seu caixão a ser partido e o chiar dos gonzo de ferro da sua prisão, e toda a sua luta na entrada dessa cripta folheada a cobre! Oh, para onde poderei fugir! Não estará ela aqui agora mesmo? Não terá ela pressa de me acusar pela minha precipitação? Será que não ouvi os seus passos na escada? Será que não ouço o pulsar pesado e terrível do seu coração? LOUCO!» — Neste momento, ele levan-

tou-se com uma fúria repentina e, com um grito abafado, pronunciou as sílabas como se, nesse esforço, toda a sua alma se esvaísse. «LOUCO! DIGO-TE QUE ELA ESTÁ À PORTA NESTE PRECISO INSTANTE!»

Como se na energia sobre-humana da sua frase se encontrasse o poder de um encantamento — os enormes painéis antigos para os quais ele apontava, abriram, nesse instante, as suas pesadas maxilas de ébano. Tratava-se de algo que a ventania provocara — mas então, junto dessa porta, *estava* de pé a figura ativa e amortilhada de Lady Madeline de Usher. Havia sangue nos seus trajes brancos, e a evidência de uma amarga luta em cada instância da sua constituição debilitada. Por momentos, ela ficou aí a tremer e a cambalear, para um e outro lado, na soleira da porta, depois, com um queixume baixo, caiu pesadamente para dentro do quarto para cima do seu irmão, e, na sua violenta e agora final agonia de morte, atirou-o ao chão feita um cadáver, vítima dos horrores que ele antecipara.

Fugi aterrorizado dessa mansão e desse quarto. A tempestade ainda estava por toda a parte com toda a sua ira, quando eu me dei conta que atravessava a calçada que conduzia à casa. De súbito, uma tremenda luz brilhou violentamente no meu caminho e eu olhei para ver de onde poderia ter vindo um clarão tão estranho; porque a enorme casa e as suas sombras estavam agora por detrás de mim. Essa radiação provinha da lua cheia e ensanguentada que, antes de desaparecer, brilhava agora intensamente através dessa fissura que antes mal se poderia ver, a qual, como eu dissera anteriormente, se entendia do tecto do edifício em ziguezague até à base. Enquanto olhava fixamente para ela, esta fissura alargou-se rapidamente — senti o soprar forte do redemoinho de vento — todo o círculo do satélite explodia nos meus olhos — o meu cérebro entonteceu quando vi as sólidas paredes desmoronarem-se — houve um longo e tumultuoso som como se da voz de uma enorme catarata se tratasse — e o profundo e frígido lago aos meus pés fechou-se então, de súbito e em silêncio, sobre os fragmentos da «CASA DE USHER».